

## **POR UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E DA CONTRACULTURA EM PROL DA MOBILIDADE URBANA**

Tratar da temática a qual se propõe este ensaio, nos remete a refletir sobre qual o papel da educação para o trânsito no contexto da mobilidade urbana, a partir do resgate conceitual de uma filosofia da educação possibilitadora de uma práxis educativa, através da qual seja construído um projeto político-pedagógico viabilizador de um processo de contracultura. Esse processo, cujos princípios de natureza ética e moral na formação cidadã dos indivíduos, deve proporcionar um novo olhar e, um conseqüente, atualizado padrão de conduta capaz de compreender, incorporar e interagir, de modo alinhado e convergente, com todos os atores e suas respectivas realidades, nesse complexo cenário da mobilidade urbana nas grandes metrópoles.

Com base nos conteúdos apresentados no Curso de Mobilidade Urbana da ANTP - na Parte II - Lição 13 - são confrontados os papéis da educação para o trânsito diante de um modelo tradicional de gestão do trânsito e, do novo modelo requerido no contexto da mobilidade, sendo que em relação ao primeiro, destaca-se o ensino das regras de trânsito instituído no CTB e o enfoque do “desenvolvimento de comportamentos seguros no trânsito para os condutores (condução do veículo e uso das vias), os pedestres (uso das vias) e os ciclistas (uso das vias), estabelecendo programas educativos para as várias faixas etárias da população”; e, quanto ao segundo, a abordagem da educação para o trânsito a qual “deve colocar em discussão o porquê da cidade ser assim, a quem pertence o espaço viário, o que é público (pertence a todos e todos devem cuidar) e, por que a rua é tão hostil aos usuários mais vulneráveis, além, é claro, de ensinar as regras de circulação e convivência e de orientar a sobrevivência nessas condições.”

Diante do desafio dessa problemática conjuntural, ao questionarmos sobre o papel da educação e do educador no desenvolvimento do indivíduo, a fim de instrumentalizá-lo como cidadão apto a sobre-viver e a conviver no mundo, nos deparamos com a interferência e a relevância de variáveis multifatoriais de ordem familiar, social, econômica, psicológica, antropológica e cultural que envolvem o desenrolar desse processo formativo, em que o aspecto educacional requer especial atenção.

De acordo com Rios (2002) a filosofia enquanto **reflexão** tem caráter teórico, porém, enquanto **filosofia de** ganha um sentido de direção, à medida que se volta para a prática dos sujeitos em qualquer âmbito que essa aconteça.

Para Rios caberá à **filosofia da educação** proporcionar a “reflexão sobre os problemas que a realidade educacional apresenta”, trata-se de uma reflexão que não se restringe apenas a uma perspectiva **gnosiológica ou ontológica, mas ética e política, ou seja, com as características da filosofia enquanto problematização e questionamento sobre dada realidade e, com as dimensões da práxis humana, da qual a práxis educativa é um aspecto.**

“É pela reflexão na ordem da ética que a filosofia pode esclarecer melhor a prática pedagógica. A práxis humana, à qual pertence a prática educativa, pode, certamente, ser esclarecida pela análise psicológica, e pela análise sociológica, mas essa práxis não pode ser completamente elucidada, nem fundada na razão, sem recurso à reflexão ética e à busca filosófica dos fundamentos da moralidade.” (Lévêque e Best, 1974, p.99 *apud* Rios 2002).

Conforme Rios nos coloca, as perguntas que a **Filosofia da Educação** irá fazer insistentemente à prática educativa girarão em torno das seguintes questões: “que educação? para que? para quem? por que?”. Essas indagações encontram-se presentes na prática cotidiana de professores e alunos e, resgatam o sentido primeiro da educação, como condição para a “realização” dos indivíduos. Realização compreendida não num contexto romântico ou ideológico, mas na relevância do papel do professor como intermediário ou

mediador entre o aprendiz – educando – e a realidade, a partir de cujo conhecimento, caberá ao professor apresentá-la ao aluno na condição de **objeto a ser apreendido, compreendido e alterado**, numa relação aluno-mundo, propiciada pela relação professor – mundo. Chaui (1980 *apud* Rios 2002) aborda esta questão com a seguinte precisão:

“O professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se na água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu corpo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e repele, revelando que o diálogo do aluno não se trava com seu professor de natação, mas com a água. O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitida pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador.”

A busca de uma práxis educativa possibilitadora de uma educação alinhada com os desafios contemporâneos e, dentre eles, os da **mobilidade urbana**, nos remetem aos conteúdos explicitados no Congresso de Locarno (1997) em que foram postulados os **quatro pilares de uma nova educação transdisciplinar por Jacques Delors**, sendo eles:

✓ **Aprender a conhecer:** implica no aprendizado dos métodos responsáveis pela distinção entre o real e o ilusório, trata-se do desenvolvimento e da aquisição de uma competência voltada à apreensão de um *espírito científico* através do saber das matérias científicas. Não representa uma justaposição acumulativa dos diversos saberes, mas na capacidade de realizar pontes entre os diferentes saberes e suas significações na vida cotidiana. Envolve uma iniciação à ciência fundada no questionamento, na não-aceitação de respostas pré-fabricadas e de qualquer certeza que esteja em contradição com os fatos. Possibilita a construção de um ser continuamente unificado, dotado de flexibilidade e capaz de adaptar-se às exigências do universo profissional, por meio de uma abordagem

transdisciplinar, como complemento indispensável da abordagem disciplinar.

✓ **Aprender a fazer:** significa o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades diversas, as quais configuram a aquisição de uma determinada profissão ou especialidade. A abordagem transdisciplinar, distancia-se da visão altamente focalizada e fragmentada das mais diversificadas especializações contemporâneas e, preconiza o “aprender a fazer” como exercício do aprendizado da criatividade. Tornar o aprendizado de uma profissão, conectado com a pluralidade de outros saberes e profissões, representa possibilitar a realização de potencialidades criativas presentes na diversidade dos Seres Humanos. Através dessa abordagem, expressões habituais no mundo do trabalho como tédio, pela execução de atos repetitivos, e competição por melhores postos, dá lugar à realização pessoal pela aprendizagem e aplicação criativa de métodos e procedimentos e, cooperação mútua na resolução de problemas e desafios pela integração de competências e habilidades.

✓ **Aprender a conviver:** significa, primeiramente, respeitar as normas que regulamentam as relações entre os seres que compõem uma coletividade, porém, não assumidas como imposições externas, mas verdadeiramente compreendidas e validadas pela experiência interior de cada ser. A atitude transnacional, transcultural, transpolítica e transreligiosa podem ser aplicáveis, pois se tratam de potenciais inatos em todo ser, entretanto, se não forem atualizados e colocados na prática das condutas cotidianas permanecem inativos. Um aspecto capital da evolução transdisciplinar da educação é: **reconhecer a si mesmo na face do outro**. Trata-se de um aprendizado contínuo e permanente em que a abertura à pluralidade plena e complexa, como em todos os outros campos da natureza e do conhecimento, não representam universos antagônicos.

**Aprender a ser:** parece, a princípio, uma tarefa impossível por revelar-se um enigma insondável. Sabemos que existimos, porém, como saber quem somos requer aprofundarmos o questionamento sobre o nosso existir. Compreender-se o como existimos a partir da identificação dos nossos valores, crenças religiosas, convicções políticas, condicionamentos, harmonias e desarmonias pessoais e relacionais, representa incursionarmos nos caminhos do autoconhecimento. Segundo Delors e demais especialistas participantes do Congresso de Locarno (1997), a educação transdisciplinar e sua metodologia requerem aplicação diversificada a diferentes faixas etárias e níveis de ensino, porém, a **Universidade** é considerada o local por excelência capaz de estabelecer o diálogo entre a arte e a ciência, um verdadeiro eixo de reunificação entre a cultura científica e a cultura artística, a “Universidade renovada como sendo o lugar de um novo tipo de humanismo.”

**A título de ilustração,** apresentamos dois **cases**, nos quais demonstramos a aplicação de uma práxis educativa junto ao **público universitário**, em que a questão da gestão do trânsito, sob a perspectiva da mobilidade urbana, foi tratada a partir de um repertório de abordagens metodológicas de natureza transdisciplinar.

A Companhia de Engenharia de Tráfego – CET de São Paulo, por meio do Centro de Treinamento e Educação de Trânsito – CETET (unidade na qual atuamos) realizou algumas experiências exitosas em duas conceituadas universidades, as quais destacamos abaixo:

✓ Desde 2013, educadores do CETET debatem com os alunos de todos os cursos de graduação na disciplina sobre Cidadania, ministrada pelos professores do Centro de Educação, Filosofia e Teologia – Coordenação de Pesquisa e Extensão da **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, o tema mobilidade urbana. Devido à abrangência do tema que

estabelece interface com diversas questões psicológicas, sociológicas, antropológicas, urbanísticas e ético- filosóficas – e, portanto, trata-se de uma abordagem transdisciplinar - foram trabalhados os conceitos de mobilidade urbana sustentável, com o intuito de levar os jovens a compreenderem os deslocamentos urbanos em sua dimensão coletiva, a reconhecerem o modo como a cidade de São Paulo cresceu ao longo de sua história, a identificarem seu vínculo de – muito ou pouco – pertencimento à cidade e, a constatarem a necessidade de acolher e respeitar os diversos papéis assumidos diariamente na condição de pedestres, motoristas, ciclistas ou passageiros.

Partindo do entendimento que o conhecimento acumulado na academia deve ser compartilhado com a comunidade e, de que a escola deve encontrar-se aberta para a realidade do mundo, além dos seus domínios intraterritoriais, o CETET organizou o **MackMob**, em outubro de 2015, como sendo este o evento de encerramento dos debates realizados em sala de aula, numa manhã de atividades vivenciais entre alunos universitários do Mackenzie e alunos do ensino médio, de uma escola da rede pública estadual. A atividade constituída de deslocamentos intermodais – caminhada, metrô e bicicleta – entre a unidade de ensino médio e uma unidade da CET, finalizando, em seguida, com a realização de uma “roda de conversa”, teve como objetivo provocar novas percepções, reflexões e conhecimentos, através de uma vivência no entorno da escola sob a ótica da cidadania, ética e valores que promovam uma convivência compartilhada, pacífica e segura entre os diversos atores do espaço urbano.

✓ Em maio de 2014 realizou-se na **Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP no Campus Monte Alegre** a **Semana de Ética no Trânsito**, onde alunos de todos os cursos de graduação junto aos professores da disciplina: Introdução ao Pensamento Teológico – IPT, discutiram a

questão da mobilidade urbana, a partir dos recursos didáticos – conteúdos e mídias – fornecidos pelo CETET, à luz dos conteúdos atinentes à disciplina IPT quanto à questão da ética e cidadania visando realizar uma ponte crítica e reflexiva entre os dois temas, despertando a atenção dos alunos para a radicalidade da problemática nas grandes cidades.

Concomitantemente ao debate nas salas de aula, numa área externa ao campus de grande fluxo de alunos, professores e funcionários, foi realizada uma mostra fotográfica de painéis com imagens reveladoras do desenvolvimento histórico - urbanístico da cidade de São Paulo, desde o início do século XX, até os tempos atuais, e da relação das pessoas com o processo de mobilidade urbana. Foram, também, veiculadas – através de monitores de TV – entrevistas sobre a questão da mobilidade na ótica de especialistas/acadêmicos conceituados: um urbanista, um filósofo e um engenheiro (abordagem transdisciplinar), bem como, de campanhas de segurança de trânsito nacionais e internacionais e, a distribuição de material gráfico educativo. Nas vias localizadas no entorno do campus foram posicionados Orientadores de Travessia, supervisionados pela CET, fornecendo orientações e folhetos informativos sobre travessia segura aos pedestres e motoristas.

Em linhas gerais, podemos afirmar que o desafio desse projeto político-pedagógico nas universidades consistiu em “desinstalar” o jovem da sua habitual “zona de conforto” e o de seu papel de espectador passivo ou reclamante inveterado dos aspectos disfuncionais ou entrópicos da mobilidade urbana – acidentes, mortes, congestionamentos, poluição, violência urbana, entre outros – e elevá-lo à condição de assumir o papel de **PROTAGONISTA** desse cenário, mobilizando-o a realizar a parte pessoal que cabe a cada um naquilo que privilegia o bem comum, antes do individual, o social, antes do “próprio umbigo”.

Dessa maneira, concluímos este ensaio ratificando que uma educação para o trânsito capaz de privilegiar a gestão do trânsito, sob a perspectiva da mobilidade urbana, deve ser norteada por uma práxis educativa – responsiva aos desafios contemporâneos de uma filosofia da educação alinhada às problemáticas do seu tempo.

Portanto, caberá às políticas públicas voltadas à mobilidade urbana e, de modo extensivo, a todos os seus executores: os gestores públicos, sobretudo, àqueles responsáveis pelos processos educativos, de comunicação de massa, formadores de opinião e massa crítica, a inspirarem e promoverem a elaboração e a realização de projetos político-pedagógicos possibilitadores da instalação de uma contracultura, em prol da mobilidade urbana, com altíssimos teores de ruptibilidade do *status quo* vigente.

Uma contracultura a qual não renega, ou simplesmente, aparenta descartar, cinicamente, os padrões culturais absorvidos anteriormente, mas os revisam, os atualizam e os ressignificam frente aos desafios cotidianos da mobilidade, incluindo e transcendendo novos valores e condutas, indicativos de um processo evolutivo contínuo e permanente do percurso civilizatório humano.

## **Referências Bibliográficas**

CHAUI, Marilena. *Ideologia e Educação*. Revista Educação e Sociedade, São Paulo: ano II, p. 24-40, jan. 1980.

CONGRESSO DE LOCARNO. *Que Universidade para o amanhã? Em busca de uma evolução transdisciplinar da Universidade*. Locarno, Suíça, de 30 de abril a 02 de maio de 1997. Disponível em: <http://cirettransdisciplinarity.org/locarno/locapor4.php> Acesso em: 08.11.2015

CURSO A DISTÂNCIA DE MOBILIDADE URBANA ANTP, Parte II, Lição 13, Tela nº 08: Gestão do Trânsito sob a perspectiva da mobilidade urbana – A nova educação para o trânsito.

LÉVÈQUE, R; BEST, F. *Por uma filosofia da educação* in DEBESSE, M. MIALARET, G. (org.) *Tratado das ciências pedagógicas*. São Paulo, Editora Nacional/Editora Universidade de São Paulo, 1974, PP. 79-122

RIOS, Terezinha Azeredo. *Ética e competência*. 12ª edição. Coleção Questões da Nossa Época: v.16, São Paulo: Cortez, 2002.

**Aluna: Silvana Carolina Gorga de Cavero**

**Analista de Gestão**

**Companhia de Engenharia de Tráfego – CET/SP**

**Diretoria de Planejamento, Projetos e Educação de Trânsito – DP**

**Superintendência de Desenvolvimento e Educação de Trânsito – SDE**

**Gerência de Educação de Trânsito – GED**

**São Paulo, 14 de novembro de 2015.**